

OS DISCURSOS RELIGIOSO E ARTÍSTICO

Vinicius Sampaio D'Ottaviano*

RESUMO

Os discursos tanto religiosos como os artísticos se mostram até hoje, reais, concretos e principalmente congruentes, mesmo antes de serem escritos na literatura, pois em todos os povos, países e culturas, desde a antiguidade até os dias de hoje, denominavam-se discursos míticos (religiosos) e discursos simbólicos (artísticos).

PALAVRAS CHAVE: *símbolos, originais, discursos, estético, psique.*

ABSTRACT

Religious and artistic speeches show until today real, concret and mainly congruent even before to be written in literature, since in all people, country and culture since antiquity until today were called mithic speech (religious) and simbolic speech (artistic).

KEY WORDS: *simbols, originals, speech, aesthetic, psique.*

Até onde foi possível estudar-se nossa pré-história, descobriu-se que sempre houve símbolos religiosos e artísticos na vida cotidiana do homem: pinturas em cavernas, instrumentos religiosos e musicais, estátuas, cultos, canções, poemas, inscrições em grutas e pedras, etc. Se houve algum tempo em que o ser humano viveu sem religião e arte, tal tempo não é do conhecimento das investigações da Antropologia. Por esta razão, os discursos religioso e artístico são chamados de "originais".

Religião e arte são aparentadas, pois sempre há um certo caráter estético nos símbolos religiosos e um certo caráter religioso nos estéticos; isto é, as liturgias e ritos religiosos são artísticos, como uma obra de arte que nos toca profundamente e estabelece conosco uma relação quase sagrada.

* Pós Graduando em Arte/Educação pelo Instituto de Artes da Unicamp. Licenciatura em Dança pela Unicamp-Campinas. Licenciatura em Filosofia pela PUCC-Campinas e aluno do 4º ano de Psicologia das Faculdades Padre Anchieta.

Sigmund Freud, o criador de Psicanálise, procurou encontrar uma explicação para o parentesco próximo entre arte e religião. Para ele, que retoma algumas idéias de Aristóteles (Ética), todo ser humano tem uma única meta na vida: a busca da felicidade; ou seja, quando se ampara também no hedonismo (prazer), na busca do prazer e evitação ou esquivia, da dor, do sofrimento (pathos). Freud contestava o conceito cristão de prazer, segundo o qual a felicidade é a busca de plenitude, sendo que esse encontro se apresenta em nossa vida como o mais puro prazer.

Imaginemos Freud escandalizando a Europa do seu tempo, no final do século XIX e início do XX, ao afirmar que, na vida, alcançamos momentos de plenitude, por nos sentirmos plenamente centrados em nós mesmos, inteiramente presentes em nós mesmos. Plenitude, portanto, é algo que pode estar tanto no êxtase místico de um (a) santo (a) quanto nos poucos segundos de um orgasmo ou qualquer outro prazer. Sentimo-nos plenos, e esta é a maneira de alcançarmos nossos momentos de felicidade ou prazer.

Para Freud, o móvel da vida é o que ele denominou de princípio do prazer (ou princípio erótico) em confronto com o princípio de morte (ou destruição). Eros e Tânatos são, na mitologia grega, as divindades do amor, ou prazer, e da morte, respectivamente. Ora, se todo ser humano busca sua felicidade, é porque está movido pela energia erótica. Acontece que o homem busca realizar sua felicidade na realidade que o envolve, e esta realidade é neutra e silenciosa feita uma estátua. Que o diga Miguelangelo (A Vênus de Milus, Davi, etc.), August Rodin (O Beijo, O Pensador, etc.) e Aleijadinho em toda a sua vasta obra, para citarmos apenas alguns artistas que nada têm contra o desejo de prazer dos seres humanos, mas que também não respondem positivamente a esse desejo.

Em resumo, o princípio do prazer move o homem na direção da realidade que o circunda, visando à auto-realização. E a realidade, mantendo-se indiferente, faz o ser humano frustrar-se e viver como que uma experiência de “morte interior” (Tânatos). No entanto, explica Freud, o ser humano, mesmo frustrado, não abre mão de ser feliz, e, não podendo encontrar prazer na realidade, busca-o em outro nível, no da imaginação ou nos sonhos. Imaginando ou sonhando, podemos ter tudo que quisermos, desempenhando o papel que bem entendermos.

Para Freud, a imaginação e os sonhos são forças muito poderosas, que acabam gerando filhas ilustres, entre as quais a religião e a arte. São produtos da imaginação: o brinquedo, a magia, a Arte e a Religião, dentre muitos outros. Ora, dizer que Arte e Religião são filhas da imaginação e dos sonhos não é, em absoluto, desmerecê-las. Ao contrário, trata-se de situar adequadamente Religião e Arte. Afinal, Religião não pode ser racionalismo científico. Deve ser um movimento de esperança, que nasce dos nossos desejos mais profundos.

Eis porque ninguém dará provas objetivas da existência de Deus, e tampouco, de sua inexistência; simplesmente Deus não pode ser explicado pela razão humana. Ser religioso é apostar numa esperança e num sonho. Também a Arte não pode reduzir-se à cópia do mundo objetivo, pois, mesmo dois artistas acadêmicos, que

pretendem ser muito fiéis à natureza, não fazem arte de forma igual à mesma paisagem. A Arte, com o desligamento das limitações da realidade constrói uma supra-realidade de forma criativa.

Assim, o discurso religioso se mostra gêmeo do discurso artístico, porque ambos têm um mesmo nascedouro. Há vários estudiosos que compartilham da idéia de que a Arte de hoje, ou o que se denomina Arte, é o oculto e o mítico do passado, passado esse chamado na antiguidade de mito, religião, crença, etc. Os elementos mágicos da Arte e da Religião resultam das misteriosas forças do desejo, mediante as projeções da imaginação. É assim que Freud tenta explicar as origens dos discursos religioso e artístico.

Entretanto, apesar de admirador verdadeiro das artes, Freud considera toda fuga para a imaginação como neurose, pois, do seu ponto de vista, o prazer só pode ser encontrado no nível da realidade mesma. Isto é, o que se alcança ao nível da imaginação é uma espécie de pseudoprazer. Desta última afirmação, discordou Carl Gustav Jung, dizendo que a fuga para a imaginação só é neurótica se antes não esgotarmos todas as tentativas junto ao real, se perdermos o “chão” do real. Para Jung, a imaginação tanto pode ser motivo de alienação quanto de uma extrema realização. Evidentemente, esta é uma visão bem mais ampla de um dos aspectos mais importantes da alma (psique) humana.

Cabe assim, tão somente a nós, e quem sabe com a ajuda da Psicologia, buscar em algo, ou algum lugar, um sentido para a nossa vida, que talvez possam ser encontrados ou no discurso artístico ou religioso ou em ambos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES, (1984) Os Pensadores: Ética Tomo I. São Paulo:

Editora Nova Cultural.

EDONISMO, (1984) Os Pensadores: Tomo I - Pré Socráticos. São Paulo:

Editora Nova Cultural.

FREUD, Sigmund. (1900) A Interpretação dos Sonhos. Rio de Janeiro: Editora

Imago, 1977.

FREUD, Sigmund. (1911) Estudos Sobre o Princípio do Prazer. Rio de Janeiro:

Editora Imago, 1977.

JONES, Ernest. (1979) Vida e Obra de Sigmund Freud. 3ª ed. Rio de Janeiro:

Editora Guanabara.

JUNG, C.G. (1940) Psicologia e Religião. Petrópolis: Editora Vozes, 1979.

JUNG, C.G. (1950) Psicologia do Inconsciente. Petrópolis: Editora Vozes,
1978.